**Marialva Carlos
Barbosa**

Professora titular de
Jornalismo da Uni-
versidade Federal
do Rio de Janeiro
(UFRJ) e professora
titular de jornalismo
aposentada da Uni-
versidade Federal
Fluminense (UFF).
Pesquisadora 1D
do CNPQ. E-mail:
mcb1@terra.com.br

Angelica Fontella

Doutoranda do
programa de Pós-
Graduação em
Comunicação e
Cultura, na linha
Mídia e Mediações
Socioculturais, da
Escola de Comuni-
cação da Universi-
dade Federal do Rio
de Janeiro (ECO/
UFRJ). Pesquisa-
dora do Núcleo de
Estudos e Projetos
em Comunicação
(Nepcom). E-mail:
angelicafontella@
gmail.com

De “vítimas virtuais” a
“fatores contemporâneos”:
Jornalismo de sensações e
notícias sobre linchamentos*

From “virtual victims” to
“contemporary farm bailiffs”:
Journalism of sensations and
the press coverage of lynching

De “víctimas virtuales” a
“capataces contemporáneos”:
Jornalismo de sensaciones y
la cobertura de linchamientos
por la prensa

* Esse artigo, com modificações, foi apresentado anteriormente no GT de História do Jornalismo, no XI Encontro Nacional da ALCAR, realizado em São Paulo de 1 a 3 de junho de 2017.

RESUMO

A partir da análise da matéria de capa – ganhadora do Prêmio ExxonMobil, antigo prêmio Esso – do jornal Extra, “Do tronco ao poste” (8 de julho de 2015), o objetivo desse artigo é refletir sobre a relação entre mídia e violência. Para isso, mostramos as construções presentes nessas narrativas que apelam à memória do público reatualizada permanentemente a partir da lógica das sensações. A permanência dessas temáticas e a maneira como são narradas evidenciam também o “fluxo do sensacional”, que se reatualiza no tempo, potencializando a ação do público que, ao contrário da posição de vítima virtual (VAZ, 2009), assume muitas vezes o papel ativo de promotores de linchamentos virtuais.

Palavras-chave: Mídia. Violência; Linchamento; jornal Extra

ABSTRACT

From the analysis of the cover story – ExxonMobil Prize winner, former Esso Prize – from Extra newspaper, “From the stake to the post” (July 8th, 2015), the purpose of this article is to reflect on the connections between media and violence. Therefore, we show the constructions present in these narratives that appeal to the public memory permanently updated by the logic of sensations. The permanence of these themes and the way they are narrated also show the “flow of the sensational”, which is updated in time, enhancing the action of the public, which, unlike the position of “virtual victim” (VAZ, 2009), often assumes the active role of virtual lynch promoters. Keywords: Mass media; Violence; lynching; Extra newspaper.

RESUMEN

A partir del análisis de la historia de primera página – ganadora del Premio ExxonMobil, antiguo Premio Esso – del periódico Extra, “Del tronco al poste” (8 de julio de 2015), el propósito de este artículo es reflexionar sobre la relación entre los medios y la violencia. Mostramos las construcciones presentes en estas narraciones que atraen a la memoria pública permanentemente actualizada a través de la lógica de las sensaciones. La permanencia de estos temas y la forma en que se narran también muestran el “flujo de lo sensacional”, que se actualiza a tiempo, animando la acción del público, que, a diferencia de la posición de “víctima virtual” (VAZ, 2009), a menudo asume el papel activo de promotores de linchamientos virtuales.

Palabras-clave: Medios tradicionales; Violencia; Linchamientos. Periódico Extra.

Submissão: 4-7-2017

Decisão editorial: 3-9-2019

Introdução

Muitas poderiam ser as razões para justificar a proeminência da violência como temática nos estudos de comunicação. Em artigos anteriores, no que diz respeito ao jornalismo em especial, a sua recorrência foi explicada em função do que denominamos fluxo do sensacional ou da construção narrativa simbólica das sensações a partir do tema violência (BARBOSA, 2004).

Além disso, a relação entre mídia e violência tem sido objeto de diversos estudos e preocupações há várias décadas. Com uma simples consulta no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, usando como filtros a palavra violência e delimitando os estudos na área de Comunicação, observa-se a produção de 216 teses e dissertações de 1996 a 2012. O aumento da violência na América Latina e o predomínio dos meios de comunicação na construção do relacionamento intersubjetivo de jovens e adultos, para Sodré (2002, p. 9), “colocou a mídia no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência”.

Entre os possíveis efeitos desses tipos particulares de relacionamento subjetivo, podemos considerar, a partir das análises de Paulo Vaz (2009), a conformação da figura de subjetividade “vítima virtual”. Para o autor, instaura-se o que denomina “política da vítima virtual”

toda vez que a audiência é estimulada a se colocar na mesma condição daquele que sofre, deslocando-se a sua responsabilidade em relação à imposição ao sofrimento do outro. Ao analisar as narrativas jornalísticas em um longo período de tempo, observa a mudança nas narrativas jornalísticas que, ao invés da piedade, passam a colocar em destaque o risco que a violência constrói, desaguando no que denomina "a política do medo contemporânea" (VAZ, 2012, p. 29).

Ao somarmos a violência informada (e conformada) pela mídia com o predomínio da temática policial – com enfoque destacado para os crimes contra a vida¹ – em jornais populares como o *Extra*², surgem novas questões. Nessa análise, torna-se indispensável contextualizar, estudar e problematizar os efeitos em potencial do chamado "jornalismo de sensações"³

¹ Segundo o Código Penal Brasileiro, nesse tipo de crime encontram-se desde o homicídio simples até a violação de correspondência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm. Acesso em: 10 abr. 2017.

² O Jornal *Extra* pertence ao grupo Infoglobo e foi criado em abril de 1998. Sua tiragem se situa, hoje, na faixa de 180 mil exemplares. Aos domingos esse número chega a 345.409 exemplares. Disponível em: <http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/EXTRA/15042/sobre>. Acesso em 10 abr.2017.

³ Nesse trabalho, optamos pelo termo "sensações" em substituição à "sensacionalismo" para caracterizarmos o tipo de jornalismo que será objeto da nossa pesquisa. Marialva Barbosa (2004) aponta que o jornalismo de sensações destaca as formulações discursivas que provocam sensações físicas no leitor, que apelam ao imaginário e na sua narrativa estabelecem eixos discursivos com as sensações do leitor, apelando para os mais variáveis sentidos físicos. Essa escolha se deu em função do uso recorrente da expressão "sensacionalismo" enquanto "espécie de acusação, sendo usado muitas vezes como sinônimo de imprecisão e de distorção das informações", aponta Barbosa (2004, p. 214). Entendemos, então, que seria mais preciso adotar a expressão "jornalismo de sensações".

(BARBOSA, 2004). É em função dessa abordagem que se justifica a opção por um jornal popular (no caso, o *Extra*), que adota, do ponto de vista narrativo uma "estética melodramática", no sentido que atribui ao termo Martin-Barbero (1998). Essa estética, que, segundo o autor, "irriga as culturas populares", produz uma narratividade na qual os opostos são construídos (bem contra o mal, o fraco *versus* o forte etc.) em lugares dicotômicos, ao mesmo tempo em que reproduz laços históricos de revanche da cultura popular (BARBERO *Apud* BARBOSA, 2007, p. 213).

Jornalismo de sensações e a produção de vítimas

No dia 8 de julho de 2015, o jornal *Extra* publicou em sua primeira página uma gravura do artista parisiense Jean-Baptiste Debret (1768-1848) posicionada acima de uma fotografia do corpo de Cleidenilson Pereira da Silva, jovem assassinado pela ação de um linchamento no Maranhão. Em conjunto à chamada, "Do tronco ao poste", a recontextualização empurra o leitor para a comparação entre um supliciamento da época escravocrata do Brasil com um linchamento (crime) cometido nos dias de hoje. Essa capa, ganhadora do Prêmio ExxonMobil (antigo prêmio Esso) evidencia muitas dimensões daquilo que indicam os estudos sobre o "jornalismo de sensações" (BARBOSA, 2004 e 2007; BARBOSA & ENNE, 2005).

Cabe destacar que esse jornalismo qualificado muitas vezes como sensacionalista (AMARAL, 2005; PEDROSO, 2001; ANGRIMANI, 1995) é baseado na produção de sensações físicas a partir dos efeitos narrativos produzidos, seja pela imagem, seja pelo texto, causando no leitor reações expressas muitas vezes a

partir de seus próprios sentidos. Aproximando-se por identificação ou por contraponto dessas narrativas, há o processo de identificação dos próprios leitores com os atos narrativos prefigurados no texto. Há que considerar ainda a existência de um “fluxo do sensacional” (BARBOSA & ENNE, 2005), em que narrativas semelhantes são reatualizadas sem cessar, usando os mesmos artifícios já empregados em outras épocas e construindo cenários similares para produzir a identificação memorável do leitor. No caso do jornalismo popular, há uma recorrência de temáticas, enfoques, descrições que deixam à mostra a complexidade desse fluxo, impondo a publicação de notícias que voltam periodicamente à cena do jornalismo.

Diversas formas de violência se manifestam no cotidiano, a partir de múltiplas medições e, em consequência, produzindo subjetividades (VAZ, 2009, p. 129). Atribui-se à violência e à criminalidade, sempre, múltiplos sentidos. É no exercício de resposta a algumas perguntas-chave, como “o que caracteriza os criminosos?”, “quais são as causas do crime?” etc., que se desdobram posições considerando essas inter-relações. O conceito de “vítima virtual” construído por Paulo Vaz (2009) procura exatamente situar as próprias representações de violência na mídia como centrais na produção dessas subjetividades.

Segundo Vaz (2009), o sujeito pode se configurar como vítima virtual quando, ao acompanhar notícias sobre violência, é acometido de sofrimento por uma série de motivos: pela possibilidade de sofrer aquela violência, pela incapacidade do Estado e seus agentes em terem a impedido, por estar diante da eminência de uma ação que pode vir a afetar pessoas próximas a ele, entre outros.

Coloca-se, então, no lugar da vítima (já que o crime poderia ter ocorrido com ele ou com seus familiares) compondo o grupo “nós”, que não deveria estar submetido a esse mundo de sofrimentos. Por alteridade, cria um mundo ideal (sem crimes) e também o grupo oposto, o “eles”, responsáveis pelo crime. A partir daí constrói o entendimento de que seu sofrimento só acabará com a eliminação do “eles”.

Para exemplificar essa linha de pensamento, pode-se relacionar as reflexões de Paulo Vaz a outros autores como Orlando Zaccone (2015). Na sua tese, os “indignos de vida” tomam forma na figura do “traficante”, considerado inimigo da polícia (e da sociedade) e que também deve ser eliminado para o “bem social”. Zaccone destaca ainda que essas questões são reiteradas por vários tipos de autoridade.

Partimos, portanto, da hipótese de que notícias sobre crimes violentos publicadas na imprensa teriam o potencial de intensificar, legitimar e/ou, em última instância, normalizar práticas violentas (atos e/ou discursos) na sociedade brasileira contemporânea. São construções que, ao caracterizar um Outro a ser eliminado, um “inimigo”/“matável” (usando a expressão de Orlando Zaccone), naturalizam a violência.

“Do tronco ao poste”

A reflexão de Martin-Barbero, destacada por Barbosa (2007, p. 213), torna possível associar elementos da matéria “Do tronco ao poste” à estética melodramática e revanchista de que trata o autor colombiano. É vibrante a forma como o *Extra* interpela a subjetividade dos leitores (MARTIN-BARBERO, 1998, p. 247), explorando inclusive novas nuances: tratando de forma política um fato dramático, sem perder de

vista características recorrentes como o rompimento com a “objetividade”⁴.

Além disso, ao interpelar o leitor a partir de uma imagem que relaciona claramente um fato contemporâneo ao acontecimento histórico escravidão, aciona-se o passado como evento memorável a partir das próprias sensações que a cena desperta: o arrepio provocado pelo chicote batendo no corpo, a repulsa decorrente das imagens de feridas abertas, o horror dos gritos que ecoam próximos ou distantes. Ao colocar em confronto a imagem do passado com o presente, relembra também uma memória histórica que é buscada por meio das sensações. O martírio do passado é confrontado com os linchamentos contemporâneos.

⁴ O ideal de objetividade, uma das dimensões da construção narrativa do jornalismo, em suas práticas e processos de definição de suas mediações na sociedade, foi intensificado no jornalismo brasileiro, sobretudo, a partir das reformas modernizadoras da imprensa dos anos 1950. Sobre o tema cf. RIBEIRO, 2007.

Michael Pollak (1989), ao se referir aos enquadramentos possíveis da memória, destaca que as lembranças mais próximas detêm pontos de referência de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. Nesse caso, estamos considerando que a imagem, no caso a fotografia e o desenho de Debret sobreposto, condensa sensações possíveis acionando o que podemos denominar memória das sensações.

Na análise do fenômeno do linchamento, portanto, sob a luz dos conceitos de “vítima virtual” (VAZ, 2009) e de “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004), a partir de uma matéria que cria um universo de significações, publicada no jornal *Extra*, destacaremos três dimensões: as imagens da capa, as intenções potenciais por trás das escolhas na primeira página e, por fim, a matéria.

Em escala de cinza, homens, mulheres e crianças negros e descalços, com ar de impotência⁵, assistem à cena: um escravo – preso a uma corrente do tornozelo à cintura – faz as vezes de feitor, agitando no ar um instrumento de tortura na direção de outro escravo. Esse está seminu, abraçado ao tronco e amarrado com cordas apertadas. A blusa está levantada até o cóccix e as calças abaixadas até os tornozelos.

Três figuras de autoridade estão presentes na cena, sendo dois representantes da força policial do Estado, devidamente fardados, calçados e de chapéu. Dois parecem controlar uma fila dos próximos escravos a serem punidos, enquanto outro observa de longe, aparentemente entediado, o supliciamento. É apenas mais um dia na rotina de corretivos que poupavam “apenas ‘os homens de sangue azul, juízes,

⁵ Termo utilizado pelo próprio texto da capa (DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.)

clero, oficiais e vereadores”⁶, denuncia o texto que legenda a capa.

A cena é um retrato de 1815⁷ e, de fato, muito do que conhecemos acerca do período colonial brasileiro deve-se ao trabalho de Debret. É seguro dizer que suas obras povoam o imaginário popular, no que diz respeito ao reconhecimento em suas imagens do período da escravidão no país. Acima da reprodução da gravura, o jornal apresenta a primeira metade da sua chamada de capa, em caixa alta: “DO TRONCO”.

Na região central da capa, imediatamente abaixo da gravura de Debret, situa-se a segunda metade da chamada, com tipografia idêntica à primeira: “AO POSTE”. Em primeiro plano, o carrasco, como na gravura (aliás, em um exercício mental de sobreposição das duas imagens, a figura do carrasco se encaixaria perfeitamente nesse “vazio”⁸) e o que se poderia chamar de “tronco da atualidade”, o poste ensanguentado. Atrás do poste, amarrado a ele pelo pescoço, vemos, de costas, o sentenciado, Cleidenilson da Silva. Sem roupas e sem vida.

No fundo da imagem, mulheres e homens, jovens e idosos, brancos e não brancos se aglomeram atrás da fita de isolamento, alguns com os braços cruzados. Os olhares desviam para fora do quadro, impacientes e cansados. Ao final da comparação inescapável, o *Extra* traz o marcante texto legenda:

⁶ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

⁷ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

⁸ Por sinal, estaria esse carrasco “ausente” representado na fotografia pela multidão impassível que está no fundo do quadro?

Os 200 anos entre as duas cenas acima servem de reflexão: evoluímos ou regredimos? Se antes os escravos eram chamados à praça para verem com os próprios olhos o corretivo que poupava apenas ‘os homens de sangue azul, juízes, clero, oficiais e vereadores’, hoje avançamos para trás. Cleidenilson Silva, de 29 anos, negro, jovem e favelado como a imensa maioria das vítimas de nossa violência, foi linchado após assaltar um bar em São Luís, no Maranhão. Se em 1815 a multidão assistia, impotente, à barbárie, em 2015 a maciça maioria aplaude a selvageria. Literalmente - como no subúrbio de São Luís - ou pela internet. Dos 1.817 comentários no Facebook do EXTRA, 71% apoiaram os fatores contemporâneos.⁹

Quando a reprodução da gravura é vinculada à fotografia do jovem brutalmente assassinado, a comparação é inevitável – a exemplo do que lembra Richard Sennet em relação ao pensamento de Barthes sobre o “repertório de imagens” a que acionamos quando nos defrontamos com o Outro (SENNET, 1994, p. 295). Nesse diálogo, há produção e/ou reforço de significados também variados. Recuperando as perguntas feitas por Vaz (2009), o jornal acaba colocando em xeque justamente os conceitos de violência, crime e criminoso.

Preliminarmente, destaca-se uma espécie de subversão da lógica dos arquétipos recorrentemente reforçados pelas mídias, incluindo o próprio jornal *Extra*. Quando é usada a expressão “fatores contemporâneos”, que dá título ao artigo, para qualificar os autores do linchamento de Cleidenilson Silva, a postura editorial torna-se transparente: os verdadeiros criminosos são os linchadores reais e virtuais, os

⁹ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

“apoiadores”¹⁰; o suposto crime de assalto a um bar torna-se irrisório diante da violenta ação dos “feitores contemporâneos”, além de ser analisado por um viés social, levantando dúvidas sobre o estereótipo “bandido”¹¹.

Ainda a respeito da rigorosa expressão “feitores contemporâneos”, é premente refletir sobre os dois termos juntos e separados. No *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*, o historiador Ronaldo Vainfas fala exatamente sobre a relação entre escravos e feitores:

Escravos casados e detentores de certas regalias, como roças de alimentos, por serem mais enraizados na propriedade e menos propensos a fugas, eram escolhidos para exercer a atividade de feitor [...]. Há referências de que os escravos se rebelavam menos contra os senhores e mais contra os feitores por serem os últimos os executores de suplícios, por vezes atrozés. O que pode parecer um contrassenso no sistema escravista se explica em função da liderança exercida por certos escravos em relação aos seus parceiros, o que podia alça-los a posições de mando. Antes de serem escravos simplesmente cooptados, eram indivíduos que se distinguiriam na comunidade escrava passando a mediar as relações entre os demais escravos e o senhor (VAINFAS, 2001, p. 222-223).

Ao juntar a palavra “contemporâneo” ao lugar histórico dos “feitores”, o texto atinge nuances notadamente sensacionais: reativa a memória da escravidão, situando a ocorrência do linchamento retratado no mesmo local das políticas e práticas obscuras que legitimaram o comércio de escravos no Brasil, conde-

¹⁰ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

¹¹ Estereótipo esse que também é reforçado por jornais populares como o *Extra* em outras notícias.

nando quaisquer atos que repercutam esse passado, seja literalmente ou pela internet¹².

Além disso, o jornal também qualifica seus próprios seguidores nas redes sociais: “[...] em 2015, a maciça maioria aplaude a selvageria. [...]. Dos 1.817 comentários no Facebook do EXTRA, 71% apoiaram os feitores contemporâneos”¹³. De fato, essa postura provocou reações filiadas ao campo das sensações. O próprio *Extra* exemplificou tal repercussão trazendo para dentro da própria matéria (sobre o assassinato de Cleidenilson) alguns comentários, a respeito da capa, destacados sob o entretítulo “As sentenças da rede”:

‘Se os direitos humanos protegem esses vermes, então, nós do bem, fazemos de nossa maneira. Hohohoh hahahaha heheheh. Adorei ![’] Junior Moura ‘Não teria coragem de fazer isso! Só que o povo não aguenta mais! O povo rala para ganhar um mísero salário, aí vem um infeliz desse e leva o nosso dinheiro! O que a gente faz?’ Bianca Marinho¹⁴

É importante notar também a escolha de palavras como “sentença”. Pode-se depreender então, que, para o *Extra*, os “apoiadores dos feitores contemporâneos” também fazem as vezes de carasco, tendo parcela de responsabilidade por esse e por outros linchamentos. Imagens e texto encaminham o leitor de uma visão geral e genérica do que foi o passado violento da escravidão para uma atualidade cruel e igualmente violenta, em que os

¹² Para usar os termos do próprio texto legenda da capa de 8 de julho de 2015. (DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.)

¹³ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

¹⁴ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE”. In: jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

“castigos” continuam sendo executados e até mesmo celebrados.

A respeito do “valor notícia” de episódios de linchamentos, ou seja, porque se tornam acontecimento jornalístico, nos limites deste trabalho, cabe investigação preliminar sobre a intenção e o papel dos jornais populares (no caso, o *Extra*) quando abrem espaço nas suas páginas para expor os justificações.

Sem perder de vista a complexidade inerente ao propósito de fornecer relatos de acontecimentos classificados como relevantes (TRAQUINA, 2005, p. 146), é possível sublinhar algumas reflexões a partir da análise da referida matéria do jornal *Extra*. Considerando as notícias como uma “construção social” e como resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais, há que se destacar que a ênfase no extraordinário – o assassinato de alguém na via pública – capacita a sua inclusão com destaque no jornal, ao mesmo tempo em que, na edição, há o acionamento de uma memória longínqua sobre os suplicios em praça pública no Brasil. Ainda que a notícia guarde relação com a estrutura do *fait-divers* (relato de uma anomalia, da aberração e do passional), tal como conceituado por Roland Barthes (1964), observa-se, sobretudo, a reconfiguração do ordinário no extraordinário. Ao contrário da marca de descontextualização própria do *fait-divers*, observamos no caso analisado o acionamento de uma memória das sensações, a partir do ato de relacionar o acontecimento jornalístico contemporâneo a uma evidência de tempos imemoriais, no caso, as cenas da escravidão.

Na matéria, propriamente dita, duas pequenas caixas de texto inauguram a página três da edição

do dia 8 de julho de 2015, com informações oficiais sobre o Maranhão: trata-se do estado com o segundo pior índice de desenvolvimento humano no país e sua capital, São Luís¹⁵, está em quarto lugar no ranking da taxa de homicídio por cem mil habitantes, segundo o Mapa da Violência de 2014¹⁶. São dois elementos que reforçam o já anunciado no texto legenda “Cleidenilson Silva [...], negro, jovem e favelado como a imensa maioria das vítimas de nossa violência”. A questão da violência está sendo analisada pelo jornal por um viés social.

O primeiro entretítulo “Tribunal do ódio” marca mais uma vez a repreensão ao linchamento, além de usar da metáfora para criticar a negação de julgamento legítimo a Cleidenilson Silva. Logo abaixo, é reproduzida a mesma fotografia da capa, porém, reenquadrada, aproximando ainda mais o leitor do corpo do maranhense (e omitindo o grupo de pessoas que cercam a cena do crime); ocupando mais da metade da página. Título e subtítulo reforçam novamente o posicionamento do jornal: “Feitores da BARBÁRIE” e “Multidão se revolta contra assaltante e o espanca até a morte no Maranhão”.

Pouco abaixo do meio da página, o segundo entretítulo “Sentenças da rede” traz uma amostragem dos 1.817¹⁷ comentários analisados pelo jornal (com os nomes dos autores): seis pessoas encorajam em maior ou menor grau a ação (as únicas três mulheres da amostragem se encontram nesse grupo), duas a condenam.

¹⁵ O MARANHÃO TEM In *Jornal Extra*, 08/07/2015, p. 3.

¹⁶ SÃO LUÍS ESTÁ In *Jornal Extra*, 08/07/2015, p. 3.

¹⁷ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In *jornal Extra*, 08/07/2015, p. 3.

Na sequência, talvez instigados pelo clima de polarização que tomou conta do país desde as eleições de 2014, a equipe entrevistou dois deputados estaduais de orientações opostas, o que também se representou pela composição da página: com massas de texto praticamente iguais, à esquerda foi colocado o depoimento de Marcelo Freixo (PSOL/RJ) e à direita, o de Flávio Bolsonaro (à época filiado ao PP/RJ). Além da significação da fala dos depoentes a partir do lugar físico em que foi editada – Marcelo Freixo, de orientação ideológica de esquerda foi destacado nesse lugar na página, enquanto Flávio Bolsonaro, representante destacado da direita figurava nesse lado também na edição da notícia, o fato de ouvirem personagens de orientação política e ideológica tão díspares revela um dos valores cultuados nos processos jornalísticos para a construção do ideal de objetividade: colocar em cena o contraditório. Separando os dois depoimentos, o jornal inseriu uma breve história recente dos linchamentos no Maranhão, contabilizando mais 9 outros casos que culminaram em morte desde janeiro de 2014¹⁸.

O tom de espanto, repreensão e choque se mantém ao longo de toda a página. Na matéria principal, “Feitores da barbárie”¹⁹, elementos do texto legenda foram recuperados: a comparação com os tempos da escravidão também se apresenta e é explicada textualmente que “a cena bárbara remete à gravura de Debret”²⁰, com ar de reprovação, face o

¹⁸ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

¹⁹ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

²⁰ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

tempo passado de “mais de um século após o fim da escravidão”²¹.

A carga descritiva do texto, somada à imagem do jovem que jaz à direita da coluna gráfica, apela a sensações físicas e psíquicas (BARBOSA, 2007, p. 216) uma característica do jornalismo de sensações: “[os delegados responsáveis já têm] como identificar os suspeitos: a perícia coletou sangue das vítimas²² nas maçanetas de residências perto do local do crime”²³.

A preferência pela utilização da expressão “jornalismo de sensações” para definir o que alguns autores chamam de jornalismo sensacionalista (AMARAL, 2005) e o caracterizam como sendo os produtos jornalísticos populares, deve-se ao fato de nessa conceitualização estarem presentes as reações e produções de sentido que provocam no leitor, como já enfatizamos.

Amaral critica de maneira contundente o conceito de sensacionalismo, “uma categoria flácida, sem fronteiras e sem vigor” (AMARAL, 2005, p. 2), em função de sua aproximação com uma cobertura policial chocante, por exemplo, e diagnóstica: taxar um programa de sensacionalista equivale a uma análise simplista.

Segundo a autora, os jornais denominados populares constroem sua legitimação a partir de uma relação peculiar com o mundo do leitor. Para construir parâmetros narrativos de aproximação, destaca nas

²¹ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

²² Na leitura da matéria em si, é esclarecido que o suposto assalto ao bar teria sido realizado por Cleidenilson Silva e por um adolescente que também foi “alvo do ódio coletivo, mas sobreviveu”.

²³ BOECHAT, Breno; MOTA, Douglas e PROVENZANO, Fabrício. “Feitores da BARBÁRIE” In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 3.

suas articulações editoriais a questão da proximidade cultural com este leitor e o apelo aos testemunhos. Cabe lembrar que, para a matéria, são “ouvidos” os policiais, o fotógrafo Biné Moraes, que trabalha no jornal *O Estado do Maranhão* e os seguidores do perfil do Facebook do *Extra*.

Por outro lado, há que se considerar que as narrativas jornalísticas são construídas tomando por base matrizes culturais que permitem a construção de sentidos e a identificação com o universo cultural do público. Assim, muitas vezes, os padrões buscados dizem respeito à valorização de aspectos do cotidiano, à exploração das sensações produzidas no público, à ênfase na produção de sentimentos e à valorização de elementos subjetivos.

Partindo desses pressupostos, é possível lançar outro olhar sobre a premiada capa de julho de 2015 do *Extra*, “Do tronco ao poste”²⁴, que indica como um jornal popular constrói suas narrativas com diversas nuances interpretativas, que ultrapassam, em muito, a simples constatação de ser meramente um jornal que “se espremendo sai sangue”²⁵.

Cabe ressaltar ainda, sobre a violência como notícia, os valores considerados “argumento de autoridade” e que permeiam as fontes: frequentemente, são os membros da força policial ou da justiça os (às vezes, únicos) entrevistados pelos jornais. Para Orlando Zaccone (2015), a cultura punitiva integra, na realidade, uma cadeia de reforço que inclui e antecede o juiz e o massacre contra os supostos bandidos nada mais é do que a ação de fazer justiça com as pró-

²⁴ DO TRONCO AO POSTE. In jornal *Extra*, 08/07/2015, p. 1.

²⁵ A expressão usada para se referir aos jornais populares dá título ao livro de Danilo Angrimani Sobrinho (1995).

prias mãos. Para ele, os arquivamentos dos chamados autos de resistência, dispositivo que na prática encobre crimes praticados por policiais, corrobora burocrática e publicamente com a atitude violenta da polícia. São esses juízes e seus discursos formalmente pró-violência (conforme exemplifica Zaccone²⁶) que costumam aparecer nos jornais, configurando os chamados argumentos de autoridade.

Em relação à matéria analisada, o representante explícito desse discurso comumente reforçado pelos argumentos de autoridade trazidos pelos jornais seria o então deputado Flávio Bolsonaro. Entretanto, cabe ressaltar que seu lugar nessa matéria parece ser o de oposição ao do deputado Marcelo Freixo. Enquanto o primeiro destaca (sobre o caso) que "não é o ideal, mas não dá para condenar", o segundo afirma que "é lamentável que convivamos com isso", corroborando com o *ethos* da matéria.

Considerações finais

Seria possível aproximar o conceito de "vítima virtual" (VAZ, 2009) à realidade do linchamento de Cleidenilson Silva? Dado que nossas relações intersubjetivas passam quase que necessariamente pelas mídias; as mídias, em especial as de cunho popular, tendem a nos "fascinar" com temáticas que provocam sensações, resultando na marcante preferência pelo tema policial; e considerando a possibilidade de conformação de vítimas virtuais, não seria possível

²⁶ A respeito do pedido de arquivamento de um inquérito policial por um Promotor de Justiça de São Paulo, em 2011, Zaccone ironiza: "Com a palavra, o operador do direito: '[...] Bandido que dá tiro para matar, tem que tomar tiro para morrer. Lamento, todavia, que tenha sido apenas um dos rapinantes enviados para o inferno'" (2015, p. 37).

que elas reagissem no sentido de eliminar o grupo do “eles”²⁷, assim que se fizessem perceber no mundo real? Ou seja, se uma pessoa, na condição de vítima virtual, presencia um crime ou uma tentativa de crime, não seria esperado que os sentimentos de sofrimento apontados por Paulo Vaz (2009) confluíssem, transformando-se em ação?

A capa do jornal *Extra*, na nossa avaliação, foi construída no sentido contrário ao da formação de uma “vítima virtual”. Em primeiro lugar, não parece haver margem para a identificação dos leitores com a vítima noticiada, fator indispensável à conformação da posição subjetiva. Em segundo lugar, quando o jornal chama seus próprios seguidores de “apoiadores de feitos contemporâneos” e indiretamente de “carrascos”, ele desperta uma carga de valores que se chocam àqueles de desejo de eliminação do outro. Portanto, o papel do referido jornal nessa situação foi muito além do consagrado “espreme que sai sangue”.

Além disso, cabe destacar que a matéria analisada há o acionamento de imagens imemoriais que produzem não apenas a retirada da lembrança para o esquecimento das cenas da escravidão, mas sobretudo aciona uma memória das sensações que são reatualizadas periodicamente.

No tempo da longa duração, a cena do supliciamento de Cleidenilson Silva aciona as lembranças encobridoras da escravidão (BARBOSA, 2016) e produz uma atualização memorável, baseada nos vínculos estabelecidos a partir da lógica das sensações: a igualdade construída pelas articulações narrativas

²⁷ Considerando o conceito de Paulo Vaz, entendemos que Cleidenilson Silva seria potencialmente associado ao grupo do “eles”, contra quem se dirige o desejo de exclusão característico da “vítima virtual”.

entre Cleidenilson e o escravo anônimo da cena reproduzida por Debret faz com que as dores supostas sofridas por um sejam transferidas para o outro. Os arrepios na pele, o crisar da testa, os olhos sendo cerrados mesmo sem querer ou os dentes rangendo, sensações sentidas diante da dor, são de novo acionadas, numa atualização daquilo que estamos denominando memória das sensações.

Dadas as características históricas sobre as quais se formaram a nossa sociedade (guerras de conquista e escravidão), pode-se dizer que nunca saímos de um estado de violência. No âmbito deste trabalho, isso se comprova por números alarmantes detectados em pesquisa preliminar: José de Souza Martins (2015) contabilizou 2.028 casos de linchamentos no Brasil entre 1945 e 1998 e 2.505 casos a partir de 2011²⁸.

Em outra perspectiva, Muniz Sodré (2002) apresenta quantitativos diferentes, mas igualmente inquietantes, e que devem ser amplificados em função dos avanços tecnológicos mais recentes:

Sobre a mídia tradicional: Um relatório da Associação Norte-Americana de Psicologia (U.S. News and World Report, de 12.7.93) afirma que uma criança, no fim da escola primária, à razão de três horas por dia de exposição à tevê, terá visto cerca de 8.000 assassinatos e 100.000 atos violentos. Aos 18 anos de idade, o jovem aficionado dos videogames terá liquidado, sem remorsos, cerca de 40.000 adversários. Sobre a nova mídia: Na Europa, os governos vêm advertindo que a

²⁸ O autor explica que o “arquivo principal” da pesquisa é composto pelo grupo mais antigos de casos, mas que foram acompanhando os números a partir de 2011, para estabelecer comparações (MARTINS, 2015, posição 830). Na referências, utilizamos o termo posição e não página, pois o livro referenciado encontra-se no formato Kindle que não oferece a referência em páginas.

Internet está se tornando, devagar, mas notavelmente, uma plataforma para a pregação da violência de extrema direita (SODRÉ, 2002, p. 10).

Entende-se, portanto, que a reflexão sobre a relação entre mídia e violência, torna-se cada vez mais necessária. Na medida em que procuramos desvendar as representações violentas que aparecem na mídia, talvez seja possível contribuir para a desconstrução de estereótipos e estigmas que fragilizam determinados tipos de indivíduos e promovem novamente a exclusão.

Referências

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Imprensa sensacionalista: o entretenimento e a lógica da sensação. In: I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação/XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM 2008, Natal: Anais do I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação. Natal: Intercom, 2008.

_____; BARONI, Alice. O acontecimento e o sensacional no jornalismo. In: *Estudos em Comunicação*, n.5, p. 135-149, maio de 2009. <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/07-baroni-acontecimento.pdf>

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. História do jornalismo no Brasil: um balanço conceitual. *Revista Verso e Reverso*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, v.52, p.1-11, 2009.

_____. Jornalismo popular e o sensacionalismo. *Revista Verso e Reverso*. XVIII(39) 2004/2.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lucia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. *Revista ECO-PÓS*- v.8, n.2, agosto-dezembro 2005, p.67-87.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Escravos e mundo da comunicação**. Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: MauadX, 2016.

BARTHES, Roland. **Essais critiques**. Paris: Seuil, 1964.

MARTIN-BARBERO, Jésus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MATHEUS, Lefícia Cantarela. **Jornalismo popular** – Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. *Como nos tornamos o país da punição*. Brasil, out. 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SENNET, Richard. **Carne e pedra** – o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina: EDIPUCRS, 2002.

_____. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VAZ, Paulo. A mídia, a rotina e a vítima virtual. In: BOCAYUVA, Helena; NUNES, Alexim (Orgs.). **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 129-146.

VAZ, Paulo; CARDOSO, Janine Miranda; FELIX, Carla Baiense. Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. *Revista Contracampo*, n. 24, dez. 2012. Niterói: Contracampo, 2012, p. 24-42.

VAZ, Paulo. Mídia e Produção de subjetividade: questões da violência. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). **Midia e Psicologia; Produção de Subjetividade e Coletividade**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 203-210.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial** (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ZACCONE, Orlando. **Indignos da vida**: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2015.